

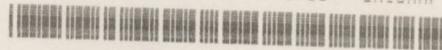
Nascer grande demais, o erro da Unesp

NASCER grande demais, o erro da Unesp. O Estado de São Paulo.
30 ago., 1984.

Uma universidade com os pés no chão — este é o lema de propaganda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — Unesp — que nasceu de um decreto do governador Paulo Egydio Martins em 1976, reunindo os antigos institutos isolados com a promessa de levar um ensino de boa qualidade a todas as regiões do Estado. Seria uma instituição do Interior, voltada para seus problemas e seus habitantes, que assim não precisariam mais abandonar suas cidades em busca de escolas melhores. A sede ficaria em Ilha Solteira, a 706 quilômetros de São Paulo, mas o projeto jamais saiu do papel, pois os administradores não quiseram ir morar tão longe e outro governador decretou que não era possível obrigá-los.

Agora, oito anos depois, espalhada através de 15 cidades em todo o Estado, com faculdade até na Capital, a Unesp carrega a herança de um vício de origem: nasceu grande demais e está pagando por isso. Ela tem 2.233 professores, 10.009 alunos e 5.077 funcionários, sem contar duas faculdades associadas com mais 5.368 estudantes. São 26 unidades de graduação e 20 cursos de pós-graduação, divididos em 141 departamentos, que consomirão este ano um orçamento de aproximadamente Cr\$ 100 bilhões. A reitoria acabou funcionando com toda a administração num velho palacete da praça da Sé, marco zero de São Paulo, mas muito longe da maioria das unidades que dependem de suas decisões.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE033351

JFF 8A.9.12-1

Universidade ou federação? Nem o reitor sabe

"Não adianta discutir casos específicos da Unesp, o importante é pensar com uma visão mais ampla", sentenciou em seu gabinete da praça da Sé o professor Jorge Nagle, que ali se instalou na manhã de 1º de agosto como reitor *pro tempore*, nomeado para substituir o professor Manuel Nunes Dias, desde março pró-reitor em exercício.

E uma função ainda precária. A manutenção do cargo depende de uma sentença do Tribunal de Justiça (Nunes Dias recorreu contra a nomeação) e, depois dela, da decisão do governador Franco Montoro, que deverá escolher numa lista sêxtupla o nome definitivo. A missão de Jorge Nagle, ele avisou logo depois da posse, é preparar o caminho para essa escolha.

Pode ser até que ele mesmo seja confirmado, se for incluído na relação dos preferidos do Conselho Universitário, depois de nova consulta às bases (professores, alunos e funcionários — a chamada comunidade universitária), que certamente há de ser feita, numa alternativa para a sonhada eleição direta que os estatutos não permitem. Mas,

ainda que provisório, o reitor Jorge Nagle já tem idéias e planos:

"A Unesp enfrenta as mesmas dificuldades das outras universidades de São Paulo (USP e Unicamp), porque não existe um sistema de ensino público superior no Estado. Temos três universidades funcionando por força própria, independentes umas das outras, sem qualquer articulação, sem troca de experiências. A ausência de sistema significa falta de uma política de ensino superior, a curto, médio e longo prazo. É urgente definir essa política. Cada universidade se desenvolve sozinha e nem sempre o que ela faz obedece a um esquema mais geral. Os cursos, por exemplo, são criados neste ou naquele **campus** sem a menor integração. Não existe também integração para os cursos de pós-graduação, que seriam mais produtivos se houvesse um comércio entre as universidades. A Unesp tem dificuldades na formação de seus quadros." Se o ensino superior fosse mais articulado, acredita o reitor Jorge Nagle, uma consequência seria a criação de núcleos de unidades universitárias

que, no futuro, poderiam levar a novas universidades. Esses núcleos levariam também ao surgimento de centros de pesquisas que poderiam agrupar pessoal de várias áreas, inclusive de unidades federais.

"Pensamos fazer isso na área de Ciências Humanas, agrupando pessoal, equipamento e experiência de Araraquara, (da Unesp) e da Universidade Federal de São Carlos", observa o professor Nilo Odália, chefe do gabinete e braço direito de Jorge Nagle na reitoria.

Esse ideal depende de medidas administrativas, talvez até da reforma universitária que o governo Montoro está prometendo, mas Jorge Nagle não pretende esperar por elas, convencido de que pelo menos alguma coisa já pode ser tentada:

"Não vamos aguardar a montagem do sistema e a definição da política. Vamos criar logo mecanismos de articulação, ainda que seja para servir de experiência. O problema imediato é a descentralização do poder, tanto em nível de unidades (a figura do diretor) como na reitoria. Os órgãos intermedia-

rios precisam ter mais peso nas decisões. É importante que eles passem a assumir funções, nas faculdades e nos departamentos. Nesse quadro, a administração deve funcionar como um meio para a realização das atividades maiores da universidade, que são aquelas da parte acadêmica."

Como começar esse trabalho? Jorge Nagle pensa nos vícios de origem da Unesp, que nasceu do agrupamento dos antigos Institutos Isolados de Ensino Superior:

"A intenção era levar à clientela do Interior a oportunidade de acesso ao ensino superior só possível na Capital. Houve certamente erros e problemas de localização, mas alguns institutos se transformaram em centros importantes. Ilha Solteira foi artificial, mas Assis, por exemplo, instalou cursos bem planejados. Com a criação da Unesp, em 1976, ganhou-se alguma coisa e perderam-se outras. O *status* de universidade com certeza não foi alcançado. É uma universidade ou uma federação de escolas? Eis aí uma boa discussão".

O professor Nilo Odália acha que é

uma universidade, mas pensa também que, pela sua dispersão, a Unesp deveria ter uma estrutura diferente. Se falta articulação agora, é porque não se criou um mecanismo capaz de integrar os antigos institutos isolados, transformando em faculdades, embora elas pertençam no papel a uma organização centralizada. É uma situação curiosa e complicada que professores da USP, olhando de fora, não hesitam em definir como uma "excrecência".

O que fazer para consertar o mal-feito, enquanto o governo não promove uma reforma verdadeira, pensando nas três universidades estaduais como um todo para montar aquilo que Jorge Nagle defende como sistema enquadrado numa política de ensino superior? O reitor tem algumas idéias para discussão:

"Uma alternativa seria deslocar a reitoria da praça da Sé para uma cidade do Interior. Mas isso não significaria descentralizar, apenas diminuiria as distâncias. Outra alternativa seria a nomeação de pró-reitores com autonomia regional, uma verdadeira delegação de autoridade. A terceira saída seria coordenar os distritos da Unesp com as regiões administrativas do Estado. Neste caso, haveria poder de decisão e os diretores das faculdades resolveriam seus problemas nas sedes das regiões administrativas, sem necessidade de vir à reitoria ou de ouvir as secretarias estaduais."

São sugestões que um debate mais amplo poderá enriquecer, se for para pensar apenas na Unesp. Dentro de um projeto de reforma geral, porém, o governo deverá partir para soluções mais radicais. Neste caso, haverá uma reformulação total, com a redistribuição das faculdades do Interior.

"Por que não falar em USP-1, USP-2 e até USP-5?", pergunta o secretário Roberto Gusmão, do Governo, sonhando com uma grande universidade estadual, ao mesmo tempo integrada e descentralizada. Sem dúvida, haverá resistência, mas ele tem certeza de que poderá vencê-las. Afinal de contas, é de sua secretaria que sai o dinheiro.

JOSE MARIA MAYRINK

MAYRINK, José Maria. Universidade ou federação? Nem o reitor sabe. O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 ago., 1984.





FERREIRA, José Roberto. Menos poder na reitoria, a sugestão de Araraquara. O Estado de São Paulo, 30 ago., 1984.

Menos poder na reitoria, a sugestão de Araraquara

Com quatro unidades, sete cursos, perto de dois mil alunos e mais de 300 professores, o **campus** de Araraquara é um dos maiores da Unesp e talvez o mais forte politicamente, pois dele saiu o reitor **pro tempore** Jorge Nagle, nele ensina o ex-vice-reitor Rafael Lia Ralfsen e em seu meio nasceu a Associação dos Docentes (Adunesp).

Teoricamente, todas as suas unidades enfrentam os mesmos problemas que afligem hoje a Unesp, mas cada uma delas reage de maneira diferente. Para o professor Carlos Landucci, diretor da Odontologia, a crise da universidade brasileira em geral, e, particularmente, a da Unesp pode-se explicar pela "conturbação" provocada por uma juventude "que de nada participou nos últimos 20 anos e agora quer participar". Ele lamenta que essa participação siga pela via político-partidária que se sobrepõe à política universitária, "esta sim, válida e necessária".

Carlos Eduardo Guimarães, vice-reitor em exercício que substitui Jorge Nagle no Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, também critica o partidarismo político que marca várias correntes da Unesp, mas aponta outra origem para a crise: a deficiência do ensino básico.

No Instituto de Química, o professor Manoel Molina Ortega tem apenas uma frase para resumir todo o problema: "O ensino não é importante no Brasil". Mas diz que a comunidade universitária "está à procura de um modelo novo, mais adequado aos tempos modernos". A mudança, em busca desse novo modelo, começa pela descentralização do poder hoje atribuído ao reitor:

"O reitor tem mais poder na Unesp do que o governador no Estado, pois ele é uma espécie de governador que pode escolher os membros da assembleia legislativa." Molina Ortega compara a comunidade universitária a uma frente ampla de alunos, professores e funcionários que se forma no momento em que essas categorias se vêem atingidas por uma estrutura (no caso, o reitor) que interfere em suas vidas.

Carlos Landucci tem esperança de que o reitor Jorge Nagle seja capaz de recolocar a Unesp em seu caminho, mas

o vice-diretor do Instituto de Letras denuncia um plano para "desfigurar a universidade, criando outra coisa em seu lugar". Carlos Eduardo Guimarães acha que falta compreensão do que seja a universidade, pois "dentro do conceito tradicional, a universidade cumpriu o seu papel e tem de ser elitista, porque é uma instituição de poucos na medida em que trata do saber e do conhecimento". Os diretores não concordam também, quando falam de verbas e falta de recursos. "De maneira geral, não podemos reclamar", observa o diretor da Faculdade de Odontologia, Carlos Landucci, refletindo uma opinião que é também a de Eduardo Guimarães ("Verbas faltam em todas as universidades"). Mas Molina Ortega tem outra posição:

"Ainda estamos vivendo da riqueza do passado e, se continuar desse jeito, um dia as estantes, prateleiras e armários ficarão vazios. O governador terá de reequipar a universidade, mas não haverá dinheiro para isso".

Os estudantes são menos complacentes, pois acreditam que a crise é antiga, embora só agora haja tanta movimentação contra ela. "A Unesp ainda não explodiu, mas faz tempo que o estopim está aceso", observa Domingos Carneseca Neto, presidente do diretório acadêmico do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, resumindo a opinião dos colegas.

JOSÉ ROBERTO FERREIRA
Ag. Estado/Araraquara

FERREIRA, José Roberto. Menos poder na reitoria, a sugestão de Araraquara. O Estado de São Paulo, 30 ago., 1984.





CARMO, Antonio José do. Ilha Solteira ia ser a sede. Não saiu do papel. O Estado de São Paulo, 30 ago., 1984.

Ilha Solteira ia ser a sede. Não saiu do papel

Quando o governador Paulo Egydio Martins criou a Unesp, em 1976, o plano previa a instalação em Ilha Solteira, cujos 26 mil habitantes — que já somaram mais de 40 mil — insistem em perpetuar o acampamento que a Cesp construiu para os operários de sua barragem. Paulo Egydio fez um discurso, anunciando uma nova fase para o ensino universitário e prometendo abrir os laboratórios da hidrelétrica à escola e a seus alunos, que poderiam trocar informações e aprender muito com os técnicos experientes.

A Cesp doou uma fazenda de mil alqueires para a pesquisa, com perspectivas de aproveitamento do lago de Ilha Solteira na produção de agricultura irrigada. Os cursos de Engenharia alcançariam alto conceito de qualidade e os profissionais ali formados teriam a preferência do empresariado nacional. Oito seria a nota mínima para a aprovação e o ensino seria levado a sério.

Mas veio o governo de Paulo Maluf com um declínio vertical do **campus** com desastrosas consequências para alunos e professores que, naquela época, praticamente fundavam a escola. Onde se lia no decreto que a sede da Unesp seria em Ilha Solteira passou a vigorar uma emenda, condicionando sua implantação à existência de condições "plenas". E assim morreu um sonho cujo objetivo era, ao mesmo tempo, interiorizar o ensino superior e garantir o futuro do distrito de Ilha Solteira. Reitores e seu aparato oficial recusaram-se a morar ali, a 700 quilômetros da Capital, para dirigir uma rede de faculdades e institutos que se espalham por todo o Estado.

O segundo golpe de Maluf contra a universidade foi o varejão. O diretor do **campus**, Ricardo Pereira Lima Carvalho, um agrônomo que assumiu o comando dos cursos de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica, tratou logo de transformar os mil alqueires de Ilha Solteira numa área de grande produção. Os recursos, que deveriam dar prioridade à implantação das faculdades, foram desviados para a fazenda, onde o diretor e seu amigo Guilherme Afif Domingos, ex-secretário da Agricultura, criaram um varejão que lhes deu muito prestígio. A população com-

prava tudo mais barato, mas a Unesp começou a enfrentar problemas com as mercearias. Mas era o governo de São Paulo "trabalhando". Os estudantes protestaram, os melhores professores pediram demissão, a escola perdeu os doutores de seus departamentos. Os idealistas que foram para Ilha Solteira com a esperança de construir uma grande universidade foram embora frustrados.

O professor Ricardo Pereira deixou o **campus** acusado de estar usando as máquinas da fazenda em suas próprias terras e nas dos amigos. O governo Maluf também criou a Faculdade de Agronomia depois de gastar milhões de cruzeiros com um curso de Tecnologia Pecuária (Bovideocultura e Fitotecnia), que agora está em extinção. Mas os recursos financeiros não chegaram.

Até hoje, tudo é muito precário: a Cesp não facilita a utilização de seus laboratórios, a qualidade de ensino caiu com a falta de professores titulados (a nota mínima para aprovação agora é 5), a fazenda deixou de ser prioridade e não há livros suficientes na biblioteca para os 500 alunos. O curso de Engenharia Civil dispõe de um laboratório ainda incompleto, até há pouco instalado provisoriamente debaixo de uma escadaria.

Quem estuda em Ilha Solteira não se queixa do custo de vida, não tem problema de poluição nem enfrenta fila de ônibus, pois os alojamentos ficam bem próximos do **campus**. São Paulo está longe, mas não é isso que faz falta para professores e estudantes. O que todos criticam são as precárias condições da faculdade.

"O que a gente pede é uma escola bem aparelhada, com um mínimo de estrutura, professores melhores e mais democracia", diz Nemésio Aparecido Fernandes de Brito, quartanista de Engenharia Civil. Ilha Solteira já formou 160 engenheiros civis, mecânicos e elétricos, mas nos últimos cinco anos pelo menos 90 estudantes abandonaram o **campus**, desiludidos com a baixa qualidade do ensino e com a falta de interesse dos cursos técnicos, que acabaram sendo extintos por falta de alunos.

ANTÔNIO JOSÉ DO CARMO
Ag. Estado / Araçatuba

CARMO, Antonio José do. Ilha Solteira is ser a sede. Não saiu do papel. O Estado de São Paulo, 30 ago., 1984.



Arquivo

A sede da Unesp na praça da Sé: longe de tudo



ACEITUNO, Jair. Botucatu reclama da falta de verbas para o hospital. O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 ago., 1984.

Botucatu reclama da falta de verbas para o hospital

Falta de recursos: esta é a maior queixa de professores e alunos do **campus** da Unesp em Botucatu, que no primeiro semestre fizeram 55 dias de greve por causa de outro problema provisoriamente adiado: a nomeação do reitor. Eles dizem que as verbas são mal distribuídas e acusam a administração central em São Paulo de repassar apenas parte do orçamento para as unidades, enquanto 90% ficam em seus cofres para ser aplicados de acordo com os interesses da reitoria.

Quem recebe mais dinheiro é o curso de Medicina, através do Hospital das Clínicas, que tem 220 leitos (e atende a uma população calculada em 2,2 milhões de habitantes na região), mas é justamente dele que partem as maiores reclamações. A Faculdade de Medicina funciona no distrito de Rubião Júnior, ao lado das outras duas escolas (Agronomia e Veterinária) e do Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola.

Depois da greve, quando foram atendidos somente os casos de urgência, o setor de farmácia ficou com um estoque de medicamentos suficiente para apenas uma semana. Se não fosse a paralisação, informa o professor Hamilton Pereira, presidente da Associação dos Docentes, o hospital teria entrado em colapso, pois faltaria remédio. Dificuldades como essas é que têm levado médicos a protestar contra as más condições de trabalho.

"As deficiências são do hospital e da universidade, mas as responsabilidades são assumidas pelos profissio-

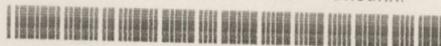
nais, e não pela instituição", observa Hamilton Pereira.

O Hospital Veterinário, um centro avançado muito procurado para tratamento de animais famosos (lá esteve um dos cavalos do presidente Figueiredo e uma égua do Circo Orlando Orfei), também está sofrendo com a falta de recursos. Em outras áreas do **campus**, embora as reclamações sejam constantes, os problemas são menores. Na Faculdade de Ciências Agrônomicas, informam os professores, houve até investimentos recentes na fazenda do Lajeado.

Acima de todas essas dificuldades, porém, o que mais mobiliza o **campus** é a escolha de um reitor definitivo para a Unesp. Professores e alunos insistem na nomeação do professor Willian Saad Hossne, que foi o preferido da comunidade na consulta de fevereiro, mas não chegou a ser incluído na lista sextupla levada ao governador. A greve só foi suspensa porque os estudantes estavam ameaçados de perder o ano.

O professor Saad Hossne acabou sendo nomeado diretor de Medicina e com isso se aliviou a tensão em Botucatu. Mas a comunidade continua mobilizada, insistindo no nome dele para a reitoria, em substituição ao reitor **pro tempore** Jorge Nagle. Enquanto a situação não se resolve, Saad Hossne tenta aumentar a participação de todos os segmentos da escola para a solução dos problemas do ensino médico.

JAIR ACEITUNO
Ag. Estado/Bauru



SANTOS, Valderi dos. A escola quer mais espaço.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 ago., 1984.

A escola quer mais espaço

Uma escola com um ensino de alto nível, mas com muitas deficiências — assim é o **campus** de Presidente Prudente, cujo diretor, Antônio Assiz Carvalho, vem sendo muito criticado por alunos e professores: eles querem substituí-lo por alguém que não tenha pertencido ao esquema dos ex-reitores Luis Ferreira Martins e Armando Otávio Ramos.

Segundo os descontentes, Assiz Carvalho ainda segue a política das últimas administrações, que não admitem entrosamento para, dessa maneira, dificultar reivindicações de docentes e estudantes. E ainda há outros problemas, como lembra Rogério Ribeiro, presidente do Diretório Acadêmico 3 de Maio: construído numa área superior a dez alqueires e dispoñdo de 99 professores, muitos deles doutores, o **campus** de Presidente Prudente oferece apenas 200 vagas por ano, em quatro cursos.

O estudante afirma que não há espaço para novos equipamentos nos laboratórios, mas reconhece que a Unesp ainda oferece um "excelente nível de instrução". Prova disso é que ex-alunos da escola estão atuando hoje em universidades de vários Estados brasileiros. Pena que tenha só quatro cursos

(Matemática, Geografia, Estatística e Engenharia Cartográfica), quando deveria oferecer pelo menos dez.

Na opinião do professor Dióres Santos Abreu, de História Econômica Geral, o problema começou em 1978, quando a transformação dos institutos isolados em Unesp interrompeu o crescimento da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que passou a chamar-se Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais, "apesar de nada planejar nem realizar estudos sobre a terra em que vivemos".

Falta espaço no prédio e os professores disputam os poucos gabinetes, enquanto os aparelhos ocupam salas adaptadas. Os alunos se revezam para frequentar um minguado centro de vivência, dividido com a sede do diretório acadêmico. O professor Dióres aponta, no entanto, um fato positivo: o **campus** começou finalmente a gozar de mais tranquilidade, depois da nomeação do reitor *pro tempore* Jorge Nagle, acabando com a insegurança que — afirma ele — os professores sentiam em administrações passadas.

VALDERI DOS SANTOS
 Ag. Estado/P.Prudente

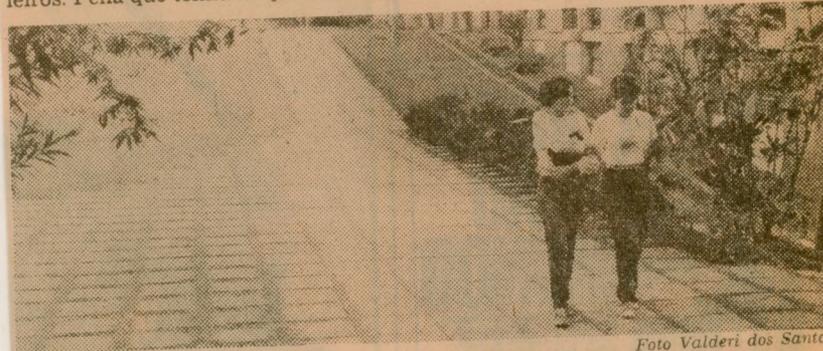


Foto Valderi dos Santos

Mais cursos, o pedido de Presidente Prudente



MACHADO, Jocelin. A guerra da democratização.
O Estado de São Paulo, 30 ago., 1984.

A guerra da democratização

"Eu sabia que isso ia acontecer e não quis resistir, para evitar um confronto direto e desnecessário", diz o professor Manuel Lello Beloto, comentando a invasão de sua sala pelos estudantes, quando ainda dirigia o **campus** de Marília, agora nas mãos do vice Mário Mascherpe, que está substituindo o novo diretor, Avair de Figueiredo, enquanto ele faz um curso na França.

A ocupação da diretoria, que se repetiu também em outras unidades da Unesp, é uma das conseqüências da crise que todos reconhecem, mas que cada um explica à sua maneira. O diretor do **campus** de Assis, professor Fernando Manuel de Mendonça, por exemplo, não encarou o problema com a mesma tranquilidade:

"Acham que estão numa guerra santa pela democratização da universidade, mas na verdade estão sendo usados por grupos políticos", denuncia ele, insistindo que se trata de "um movimento comandado por uma minoria de 20 a 30 alunos teleguiados, a serviço de grupos partidários".

Política partidária dentro da Unesp? André Luiz da Silva, aluno de Psicologia em Assis, não concorda com as acusações do diretor. "Há alunos que pertencem a partidos políticos, mas o movimento é apartidário e só queremos um reitor capaz de entender as dificuldades do ensino universitário e que dê condições de trabalho a professores e estudantes. Não queremos na reitoria pessoas que lutem contra os interesses dos alunos, como foi o caso do pré-reitor Manuel Nunes Dias que — todos sabem — foi um repressor na Escola de Comunicações e Artes da USP."

No **campus** de Marília, o professor José Antônio Tobias, da Faculdade de Educação, condena o "vandalismo" dos estudantes que despejaram um extintor de incêndio na sala de estudos da professora Rosmar Tobias, sua mulher. Ele também identifica uma atuação político-partidária dentro da Unesp:

"O aluno hoje está participando de um movimento político, em vez de estudar, usado por grupos ideológicos que

não respeitam a liberdade. O culpado é o professor, que está nos bastidores, pois o estudante não sabe o que é a universidade, cuja finalidade é a pesquisa e não a política partidária".

José Antônio Tobias afirma que Marília está pagando caro pela situação da Unesp, por culpa do ex-reitor Luís Ferreira Martins, que sempre quis fazer dela a última unidade dentro da universidade, "empanando o brilho da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que sempre foi uma escola-modelo até a criação da Unesp".

O professor Manuel Beloto reconheceu, enquanto ocupava a diretoria, que alguns institutos sofreram muito com a implantação da Unesp, e uma das conseqüências são esses movimentos de 1984, já latentes desde a criação da universidade. Apesar disso, esta é sua opinião, foi possível manter o bom nível dos cursos, embora haja descontentes e os recursos sejam cada vez menores. Não há dinheiro, por exemplo, para a compra de material permanente nem para construções.

Mário Marscherpe, que assumiu a direção como vice-diretor há pouco mais de um mês, prefere não comentar a situação do **campus**: "Estou tomando conhecimento agora e, aos poucos, vou saber o que está bom e o que está ruim. Eu estava em Assis, onde continuo a dar aulas, não tendo acompanhado de perto os acontecimentos de Marília".

O número de candidatos, que caiu a seu nível mais baixo nos vestibulares de 1980, voltou a crescer nos últimos três anos em Marília. Na faculdade de Assis não houve esse problema, segundo o professor Mendonça, porque os seus cursos sempre foram muito procurados. Ele acha, no entanto, que é necessário oferecer mais opções aos estudantes da região. Sua meta é conseguir para Assis um curso de Administração de Empresas, já que não foi possível o de Direito, instaurado em Franca.

JOCELIN MACHADO
Ag. Estado/Marília